



Duarte Miranda

Cristóvão de Aguiar (1940 – 2021)

“O que passou, passou, mas o que passou luzindo, resplandecerá para sempre.” - Goethe

Ficámos sabendo do falecimento, no passado 5 de Outubro, do escritor açoriano Cristóvão de Aguiar. Pessoalmente, li várias das notícias a este respeito, todas no sentido de tributos, homenagens e elogios, reconhecendo a imensidão do espaço que aquele Mestre da Literatura portuguesa ocupou durante cerca de seis décadas no cenário literário português. Acrescentaria, também “Mestre da Literatura açoriana”, mesmo se isto signifique contrapor-me à própria visão de Cristóvão de Aguiar que se posicionou várias vezes contra a existência dessa vertente na nossa literatura. Na minha opinião, de leigo que sou, a trilogia “Raiz Comovida”, que referenciarei mais adiante, tem um nítido selo “Açoriano”.

Uma das recentes intervenções sobre o falecimento do escritor de que tomei conhecimento terá sido aquela deixada no seu mural do Facebook pelo jornalista, Director-adjunto do Correio dos Açores, e meu amigo, Santos Narciso. Naquele seu apontamento, Santos Narciso recordou-nos a sua própria homenagem a Cristóvão de Aguiar, enquanto vivo, que ele escrevera na sua coluna “Leituras do Atlântico” no dia 18 de Maio de 2015, « Cristóvão de Aguiar: O “ouro” dos anos no brilho da escrita ». Pareceu-me particularmente completa e pertinente, e terá sido aquele apontamento que me inspirou e me incitou a escrever esta opinião.

Cristóvão de Aguiar era conterrâneo da minha mãe, também picapedrense, mas eu não o “conheci” pessoalmente. Avistei-o duas ou três vezes, creio que em 1960 ou 1961, durante as minhas férias de Verão daquele ano em questão, passadas no Pico da Pedra, já eu estudava no Seminário em Ponta Delgada. Havia pouco que nos tínhamos mudado do Aeroporto de Santa Maria para a casa do meu avô materno, no Pico da Pedra. Naquela minha jovem adolescência, eu, portanto, ainda não conhecia bem aquela boa gente, os picapedrenses e suas histórias, a não ser os meus familiares e os delas e deles que ali residiam. Mas, naquela altura – ainda vejo, nitidamente, Cristóvão de Aguiar vestido de fato preto, camisa branca e gravata preta, marcando, diziam, a sua identidade de estudante coimbreense – eu já tinha uma certa noção de quem era de lá. Ele tinha vindo visitar os pais, e tinha ficado por lá pouco tempo, se a minha memória me serve (ainda) bem. Na época, eu já conhecia bem o seu irmão, o Artur, quatro anos mais velho do que eu, e quatro anos mais novo do que o Cristóvão. Ele, o Artur, não estudava - digo isto em forma de parêntese. O “Arturinho” trabalhava na ferraria do pai, e eu regalava-me, certas tardes durante as minhas férias, quando o ia visitar e vê-lo à roda do fogo da forja, transformando o ferro. Admirava a sua “arte” e a sua destreza! Por coincidência, fiquei sabendo recentemente que o Artur também faleceu há pouco mais de seis meses nos Estados Unidos, onde residia há várias décadas. Ao que percebi, os dois se tinham distanciado, há largo tempo, um do outro...

Mas voltando ao escritor, o Cristóvão de Aguiar: a sua partida, é de facto uma enorme perda para o nosso património cultural/literário açoriano, e para a própria Literatura portuguesa. Não me refiro aqui, insistentemente, à Literatura açoriana, apenas como uma espécie de deferência àquele nosso conterrâneo, escritor de imenso valor, e pen-

sador, não obstante, talvez, alguns pensamentos mais polémicos e provocadores – aliás, o próprio Santos Narciso, naquela sua publicação de 2015 reconheceu-lhe uma certa “irreverência”. Terá sido Cristóvão de Aguiar quem, de certa forma, primeiro despertou em mim o meu intenso interesse pela Literatura açoriana, que eu, contrariamente a ele próprio, como inferi mais acima, sempre pensei ter vida, cor e alma, e que, na minha modesta apreciação, ocupa um imenso espaço na literatura lusófona, com a sua identidade própria e emancipada. Estávamos em 1979, e eu na minha terceira visita a São Miguel, depois da emigração para o Canadá em 1963. As minhas primas, conhecendo o meu apreço por tudo o que nos dizia respeito, e minha alma açoriana, comentaram a publicação recente do primeiro volume («A Semente e a Seiva») da trilogia “Raiz Comovida” onde o autor, Cristóvão de Aguiar, incluía uma referência ao nosso avô, o “sô Manolinho da Ponte” quem, durante alguns anos, a partir de Julho de 1928 tinha sido o “Regedor” da freguesia do Pico da Pedra:

“[...] os que, numa comparação, iam dar o dia pra o Sul não tinham hora certa de chegar (a viagem era mais comprida que uma missa cantada), e em um home chegando ao Canto da Fonte, as mais das vezes já noite fechada, metia cobiça, sobretudo de Verão, ficar ali uma nisca à conversa, ou escutando um caso engraçado da boca do sô Manolinho da Ponte, sempre atarraxado de abafadinhos, mas muito divertido e cheio de pilhéria [...]” (p.152)

Claro, na altura eu adquiri o livro, assim como o segundo volume da trilogia, «Vindima de Fogo» que também já estava à venda. Mais tarde, comprei o terceiro, «O Fruto e o Sonho». Conservo os dois primeiros, mas, infelizmente, perdi o terceiro e último volume daquela edição original, depois de o emprestar a alguém (não me recordo a quem) que se terá esquecido de mo devolver. Felizmente, desde então adquiri ainda duas outras edições contendo a trilogia completa, entre elas a das Edições Afrontamento à qual se referia o meu amigo Santos Narciso, no seu apontamento de 18 de Maio de 2015. Possuo igualmente outras oito ou nove obras de Cristóvão de Aguiar, que guardo preciosamente no espaço “Açoriano” da minha biblioteca pessoal.

Cristóvão de Aguiar, não há dúvida, pertence ao nosso património cultural/literário Açoriano mais precioso e perene. Um lugar que ele ocupa juntamente com vários outros dos nossos escritores, pensadores e filósofos, alguns deles, até, actuais e muito presentes, activos e produtivos, e com o seu próprio lugar já bem demarcado - Nemésio; Natália Correia; Antero de Quental; Daniel de Sá; Dias de Melo; Pedro da Silveira; Armando Cortes-Rodrigues; José Enes; Onésimo Almeida; João de Melo; etc., etc., etc. Guardo-os, preciosamente, naquele meu espaço pessoal “Açoriano”, rodeados uns dos outros, abrindo-me espaços e horizontes novos ou, por vezes, mal explorados por mim, às vezes antes de os conhecer e ler. Como dizia mais acima, terá sido Cristóvão de Aguiar quem primeiro me levou a viajar e descobrir, através da literatura, a imensidão e a riqueza da Açorianidade que cada vez mais faz parte de mim. Guardo dele, portanto, uma memória privilegiada, de grande admiração e de muito respeito.